LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: NARRATIVAS DO SÉCULO XXI

YOUNG BRAZILIAM LITERATURE: NARRATIVES OF THE XXI CENTURY

Roselei Battisti[1]
Ana Paula Teixeira Porto[2]

RESUMO: Este estudo apresenta reflexões sobre a literatura juvenil brasileira, especialmente as narrativas literárias, e concentra-se em uma abordagem sobre tendências que singularizam essa produção publicada no século XXI. A pesquisa, de cunho bibliográfico, mostra que essas obras são heterogêneas e trazem algumas inovações, como na temática.

Palavras-chave: Narrativa juvenil. Literatura. Tendências literárias.

Assistimos no século XXI a um *boom* de produções da literatura juvenil (LJ) dada a quantidade de obras, autores, temas e padrões estruturais de composição estética, o que nos induz a pensar na especificidade desse gênero literário apesar de não termos ainda um distanciamento temporal longo que nos permita uma leitura mais ampla do movimento que surge nesse novo limiar de século. O professor e pesquisador João Luís Ceccantini adverte que

> [...] é ainda bastante provisória a busca de sentidos para essa produção literária peculiar, em princípio voltada à faixa de leitores que, a partir do início do século XX, constitui esse terreno vago, impreciso e mítico que tem sido denominado "adolescência", na medida em que ainda não possuímos um objeto claramente delimitado e uma metodologia plenamente estabelecida para sua abordagem (CECCANTINI, 2010, p.82).

Portanto, com base nos estudos desenvolvidos até o momento, podemos dizer que o principal componente caracterizador da LJ tem sido atribuído a um elemento exterior ao texto, ou seja, ao seu público leitor adolescente. Na medida em que, de maneira geral, a sociedade - principalmente os segmentos de mercado que estão diretamente relacionados aos jovens - concebe a adolescência como um momento crítico de transição entre a infância e a idade

[1] Mestre em Letras, área de Literatura Comparada. Estuda literatura juvenil e construção da personagem feminina em narrativas do século XXI. Integra o Grupo de Pesquisa "Práticas mediadoras de leitura".
[2] Orientadora da pesquisa. Doutora em Letras. Coordenadora do Grupo de Pesquisa "Práticas mediadoras de leitura". E-mail: anapaula-porto@bol.com.br

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 222-232, ago. 2016. Recebido em: 20 maio 2016. Aceito em: 5 jun. 2016.

adulta[3], parece-nos compreensível que a literatura direcionada ao adolescente leitor sinta e expresse tal situação, apresentando-se como uma espécie tensão entre a LI e a literatura adulta.

Para Ceccantini, em trabalhos recentes que se debruçam sobre a produção de LJ é possível perceber um movimento dialético que parece "mimetizar" esse caráter intersticial da adolescência e que está

> [...] empenhado em instaurar uma reflexão sobre as narrativas para jovens com base em dicotomias que perpassam o gênero infanto-juvenil desde suas origens [...] As obras são postas à prova quanto a sua autonomia estética e quanto a sua capacidade humanizadora segundo uma problematização que recusa qualquer abordagem pasteurizada e apaziguadora, deixando emergir sem pudor vasta gama de forças contraditórias e nem por isso menos legítimas (CECCANTINI, 2010, p.82).

Nesse sentido, o livro *Narrativas Juvenis:* geração 2000[4] (2012), organizado por Vera Teixeira de Aguiar, João Luís Ceccantini e Alice Áurea Penteado Martha, apresenta leituras que nos parecem um tanto libertas de convencionalismos e receitas prontas. Nele, vários estudiosos analisam diferentes narrativas juvenis produzidas neste século, com o objetivo de dar visibilidade a obras recentes "[...] de uma geração de autores que, após o momento de consolidação e franca expansão do gênero juvenil (1980-2000), vem renovando de forma bastante criativa o cenário da literatura juvenil brasileira" (AGUIAR; CECCANTINI; MARTHA, 2012, p. 8).

Um dos aspectos destacados pelos organizadores dessa publicação é a busca de novas soluções estéticas, empreendida pelos escritores que, com o objetivo de "[...] atender (e romper) as expectativas das novas gerações de leitores [e] têm explorado com ousadia temas eformas afinados com o século XXI" (AGUIAR; CECCANTINI; MARTHA, 2012, p.8).

Outros autores que se debruçam sobre a produção atual da LJ brasileira compartilham dessa opinião, sinalizando um movimento de renovação e valorização estética dessas obras. Maria Zaira Turchi (2006, p.26) constata que "Um número significativo de autores

[3]Segundo pesquisa realizada por Ana Mercês Bahia Bock (2007), que buscou identificar a concepção de adolescência (entendida como construção social) presente em livros destinados a pais e educadores, os atributos dessa fase são considerados, em geral, negativos "porque são características desvalorizadas na sociedade; porque aparecem como incompletude, imaturidade [...] Como fase do desenvolvimento, as características são universais e inevitáveis. [...] As características desta fase, tanto biológicas, quanto psicológicas são naturais. Rebeldia, desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, tendência à bagunça, hormônios, tendência à oposição, crescimento, desenvolvimento do raciocínio lógico, busca da identidade, busca de independência, enfim todas as características são equiparadas e tratadas da mesma forma, porque são da natureza humana" (BOCK, 2007, p. 72).

[4]"*Narrativas juvenis: geração 2000* é a terceira publicação da ANEP (Associação Núcleo Editorial Proleitura) empenhada em trazer a público um conjunto de ensaios sobre a ficção brasileira que tem circulado nas últimas décadas sob a rubrica específica literatura juvenil" (AGUIAR; CECCANTINI; MARTHA, 2012, p. 7).

experientes e premiados, com reconhecimento de público e de crítica, garantem, ao lado de novos autores, uma produção constante e de reconhecida qualidade estética".

Por trás desse quadro geral que apresenta certo avanço qualitativo da LJ desse início de século, pensamos que possa estar o surgimento de uma nova concepção de adolescência e juventude. Afinal, acreditamos que, da mesma forma que as concepções de infância, família (ARIÈS, 2006) e de gênero (BOURDIEU, 2012) são construções históricas e sociais, a adolescência também é um conceito em constante mudança, haja vista sofrer a ação do meio e do tempo. Nesse sentido, temos estudos como o de Ana Mercês Bahia Bock - professora titular do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP - que faz uma análise crítica de livros destinados a pais e professores, devido à sua abordagem naturalizante de adolescência.

A partir de uma perspectiva sócio-histórica, Bock contribui para que possamos entender a adolescência "[...] como produção social, indicando possibilidades de novas práticas e subsídios para a construção de políticas públicas para a juventude, levando-se em consideração a adolescência a partir de sua natureza histórica" (BOCK, 2007, p.63).

Por esse caminho também vai Alice A. P. Martha (2009), quando se refere à certa mudança na concepção de adolescência presente em algumas narrativas juvenis brasileiras deste século, perceptível na construção das personagens, que parece abandonar aquela ideia de adolescência como simples fase pré-adulta. Segundo a autora,

> [...] o fato de que a infância e a adolescência não sejam vistas como preparação para a maturidade, mas enfocadas como etapas decisivas no processo de vida, plenas de significado e valor,portanto, desperta a atenção dos leitores. Em outras palavras,as personagens não são construídas como ainda-não-adultos ou como já-não-mais-crianças, mas como portadoras de uma identidade própria e completa. É verdade também que se envolvem em situações que as obrigam a refletir e a reformular conceitos que possuem a respeito de si mesmas e do mundo (MARTHA, 2009, p.20).

Essa mudança no modo de perceber o jovem resulta em um relacionamento de maior proximidade entre o autor e o leitor que, de certo modo, descaracterizaria a relação de subordinação antes tão presente no discurso literário proferido "pelo adulto" e "para o adolescente".CyanaLeahy-Dios também percebe esse movimento como um avanço para a LJ, pois, segundo a autora,"[...] o segmento da literatura produzida para jovens parece ter hoje um desempenho qualitativo positivo, beneficiado pela maior aproximação entre autores e leitores. [...]"(LEAHY-DIOS, 2005, p. 40).

Outro indicativo dessa situação é o fato de encontrarmos cada vez mais, na LJ, a presença de temáticas até pouco tempo consideradas tabu na produção para crianças e jovens, como a morte, o abandono, a violência, as famílias desfeitas. Martha refere-se a esses assuntos como "temas de fronteira" para obras do gênero:

> [...] compreendidos como situações-limite que configurem, no plano ficcional, etapas da evolução vividas pelo ser humano – ganharam força e podem ser aliados importantes para que esses leitores reconheçam suas angústias, faces diversas do medo que enfrentam cotidianamente – morte, separações, violência, crises de identidade, escolhas, relacionamentos, perdas, afetividades – a partir da leitura de narrativas contemporâneas (MARTHA, 2009, p.3).

Maria Zaira Turchi e Flávia de Castro Souza, no artigo "A face obscura da violência na literatura juvenil" (2010), chamam a atenção para a importância desse tipo de temática estar presente na literatura juvenil, pois "Na atualidade, em que a violência e a morte são, muitas vezes, tratadas de forma banal pelas mídias, os livros literários tornam-se uma alternativa para a humanização da vida e também da morte do homem" (TURCHI; SOUZA, 2010, p.99).

A partir dessas colocações, as autoras sinalizam para um movimento que entendemos como caracterizador de certa liberdade e, por que não, emancipação e autonomia, tanto da LJ, quanto do próprio leitor. Podemos perceber isso até mesmo no modo como são retratados os relacionamentos entre as personagens adolescentes e as adultas. Ao abordar um conjunto de narrativas juvenis desse começo de século, Martha (2010) analisa esse aspecto constatando que as relações "se caracterizam pelo respeito, sem submissão dos mais jovens aos pontos de vista dos adultos. Tanto na escola quanto em casa, o embate de ideias e o diálogo são as grandes chaves para o entendimento com os mais velhos" (MARTHA, 2010, p.138).

A autora faz essa afirmação com base em análises de narrativas como *A distância das coisas*, de Flávio Carneiro (2008), em que o protagonista Pedro, aos quatorze anos, depois de ter perdido o pai e a mãe e tendo que morar com um tio, resolve desvendar os mistérios que envolvem a morte da mãe e o estranho comportamento de sua família diante dos acontecimentos; *Todos contra D@ante*, de Luís Dill (2008), em que Dante é um garoto que sofre *bullyng* na escola por ser de uma classe social inferior e por não se enquadrar nos padrões de beleza valorizados; *O rapaz que não era de Liverpool*, de Caio Riter (2006), no qual Marcelo, aos 15 anos, vive uma crise existencial ao descobrir que era adotado e tenta resgatar sua identidade, ao mesmo tempo em que vive as emoções do primeiro namoro.

Nesses três exemplos - assim como nos outros que a autora analisa – percebemos adolescentes vivendo situações difíceis, que envolvem perdas, separações e conflitos que acontecem dentro de instituições como a família e a escola. Através das análises de Martha (2010), percebemos que esses adolescentes personagens das narrativas são concebidos como seres que, mesmo apresentando características entendidas socialmente como universais do perfil jovem, possuem a sua individualidade e se impõem através dela. Os conflitos entre as personagens não são mostrados de uma perspectiva adultocêntrica, o que percebemos é que a voz e a visão de mundo dos adolescentes não são subestimadas pelo adulto.

Porém, a LJ brasileira deste século nem sempre segue a linha de introspecção psicológica nos temas que aborda. Segundo a pesquisa realizada por Gabriela Luft, "A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores obras e tendências"[5] (2010b), apesar dessa tendência predominar nas narrativas atuais, outras ainda puderam ser encontradas no *corpus* de seu trabalho, composto por 26 obras premiadas neste século, tais como: denúncia social; fantasia; relações amorosas;policial, investigativa; terror e suspense; revalorização da cultura popular; romance histórico; intertextualidade (LUFT, 2010b, p.122-127).

Contudo, em sua análise, Luft destaca não só questões que envolvem gêneros e temas predominantes nas narrativas, mas também se refere às inovações encontradas em termos de caracterização das personagens, atuação do narrador, tipos de desfechos e cenários, que resultam em "um aumento da complexidade narrativa" (LUFT, 2010b, p.128). Além disso, ela observa um crescimento no "grau de participação outorgado ao leitor na interpretação da obra [...] cabe salientar que a narrativa juvenil se afasta do discurso unívoco e controlado pelo narrador" (LUFT, 2010b, p.128). Desse modo, diante de todos os aspectos levantados em sua pesquisa, Luft afirma que a narrativa juvenil "[...] consolida-se como literatura escrita, e isso implica maior permeabilidade em relação à literatura de adultos [...]"(LUFT, 2010b, p.128).

Em seu trabalho apresentado no XIII Congresso Internacional da ABRALIC (Campina Grande, PB, de 8 a 12 de julho de 2013), Benedito Antunes (2013) também ressalta as mudanças ocorridas na produção da LJ brasileira das últimas décadas. No entanto, pareceu-nos que há certa cautela do autor ao referir-se à produção atual de LJ no que se refere à

[5] "O presente artigo é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada *Adriana Falcão, Flávio Carneiro, Rodrigo Lacerda e a literatura juvenil brasileira no início do século XXI*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisa recebeu a orientação da profa. Dra. Regina Zilberman e contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)" (LUFT, 2010b, p. 111).

ausência de didatismos. Em suas colocações sobre a LJ, Antunes destaca a busca de equilíbrio entre sua função inicial predominantemente pedagógica e a valorização da esteticidade da obra literária, "capaz de emancipar sem subestimar a inteligência e a sensibilidade do leitor, nem criar constrangimentos de ordem institucional, familiar, ou mesmo moral" (ANTUNES, 2013, p.15).

Antunes, ao referir-se sobre a especificidade da LJ, observa que ela parece pautar-se basicamente na "assimetria" entre o escritor adulto (com seu discurso de quem detém o saber) e o leitor jovem (que precisa ser orientado por esse adulto). O autor elenca algumas características encontradas, de modo geral, na LJ que, muitas vezes, nada mais são do que dissimuladores desse distanciamento e dos discursos dominantes, tais como: linguagem agradável, cumplicidade, aventura, humor, mistério, entre outras. No entanto, o autor salienta que tais características também podem ser encontradas na literatura adulta. Então, a diferença estaria na percepção de sua intencionalidade, ou seja, na subordinação ou não da obra literária a condicionantes externos a ela (ANTUNES, 2013, p.17).

Para ilustrar suas colocações, Antunes analisa dois livros: *A órbita dos caracóis* (2003), de Reinaldo Moraes; e, *Se eu fechar os olhos agora* (2009), de Edney Silvestre. O objetivo do autor é estabelecer uma possível relação das referidas obras com a LJ, haja vista que, no primeiro caso, o autor não a teria escrito pensando em um público juvenil e apenas a editora seria responsável por tal classificação; e, no segundo, nem autor nem editora a consideram LJ, inclusive, a mesma recebeu o prêmio Jabuti 2010 de melhor romance.

A questão é que, mesmo sendo produzidas como "literatura adulta", nas duas obras, nós encontramos elementos que, até o momento, têm servido para caracterizar a especificidade da LJ e, consequentemente, para relegá-las à condição de arte "menor", de "subgênero" dentro do sistema literário. Os romances apresentam protagonistas (pré)adolescentes, adequação da linguagem e da estrutura narrativa ao entendimento de um possível leitor jovem, cumplicidade, humor, mistério, aventura e, especialmente em Silvestre, um narrador experiente que dissemina seus ensinamentos entre os leitores.

Diante disso, nos perguntamos se tais elementos poderiam realmente figurar como caracterizadores de um gênero literário específico, nesse caso, da LJ. Mais do que isso, até que ponto essas especificidades – pautadas por questões ideológicas, institucionais e de mercado – não estariam, em alguma medida, condicionando os olhares sobre as obras a ponto de cegarem-nos para singularidades ainda não previstas na LJ?

No entanto, por mais que, muitas vezes, identifiquemos posturas preconceituosas em relação a esse gênero, cada vez mais instituições e pesquisadores da área empreendem esforços no sentido de olhar para as produções juvenis em busca não apenas de sua intencionalidade como também de seu valor estético. Essa é a proposta de Vera Teixeira Aguiar em seu artigo "Realidade além dos limites" (2012), em que analisa a obra *O mágico de verdade*, de Gustavo Bernardo (2006).

A proposta de Aguiar é abordar "[...] o horizonte histórico e cultural à luz do qual o escritor concebe sua obra e o lugar específico que ele ocupa nesse cenário, de um lado, e, de outro, o tratamento literário dos temas, com vistas a um público definido" (AGUIAR, 2012, p.107). A narrativa conta com dois personagens não muito usuais: um apresentador de TV e um mágico. O enredo gira em torno do desafio proposto pelo apresentador aos telespectadores para que descubram os truques usados pelo mágico que, por sua vez, insiste na existência da magia e não de truques.Em sua análise, a autora conclui que o autor Gustavo Bernardo dialoga com seus leitores usando o

> [...] processo de adequação para aproximar-se dos mesmos, e a atenção aos mecanismos de composição da narrativa pode contribuir para a conceituação da literatura juvenil. Identificamos no processo criativo do autor dois movimentos: da vivência da juventude ao texto e do texto ao mundo dos jovens. No primeiro, Bernardo traz essa realidade para dentro da obra, em termos de temas e situações cotidianas, oralidade da linguagem e fragmentação do discurso; no segundo, leva o texto aos leitores, através de explicações sobre conteúdos científicos e culturais e de retomadas, em cada início de capítulo, dos eventos ocorridos no anterior. Encontram-se, portanto, elementos facilitadores da leitura juvenil, mas não, necessariamente, pedagógicos. O caráter diretivo da literatura para crianças e jovens,que marca o aparecimento do gênero, pode, como o faz Gustavo Bernardo, ser descartado [...] (AGUIAR, 2012, p. 121-122).

É interessante percebermos que, em sua análise, Aguiar também abre a possibilidade de diálogo entre dois tipos de narrativas juvenis que, normalmente, são colocadas de maneira polarizada, na qual a existência de uma exclui a outra: as que apresentam algum conteúdo ou conhecimento científico, ou ainda moralizante (teriam apenas valor pedagógico) e aquelas que apresentam valor estético e literário. Como vimos, na opinião da autora, o fato de Gustavo Bernardo inserir conteúdos científicos e explicativos em sua narrativa apenas possibilitou sua melhor compreensão por parte dos leitores, sem subestimar a capacidade de raciocínio e julgamento dos jovens, ou apresentar um discurso encerrado em si mesmo, tampouco o valor estético e literário foi esquecido.

Consideramos esse aspecto importante, pois sabemos que parte significativa da produção juvenil ainda sofre a influência do mercado - que traduz o desejo adulto de ensinar e

educar os jovens através da literatura - e que muitos livros vão parar nas bibliotecas das escolas principalmente por apresentarem conteúdos e ideias de interesse dessa instituição que, por vezes, pode estar traduzindo determinados interesses e ideologias. Não podemos, portanto, olhar ingenuamente para essa literatura, especialmente aquela enviada às escolas que, por mais que já não sirva unicamente a propósitos pedagógicos e moralizantes como aconteceu em sua origem, parece ainda guardar resquícios daqueles tempos.

Glória Pimentel de Souza (2006, p.109) expressa um ponto de vista semelhante ao de Aguiar em relação ao conteúdo e à temática variada que os livros têm apresentado atualmente, adequando-se às necessidades de grupos leitores diversos, sem deixar de lembrar as influências ideológicas que ainda ecoam sobre a produção:

> É claro que os fatores políticos e ideológicos da literatura infanto-juvenil de fases anteriores se mantêm, mas a produção atual encontra-se muito mais voltada para si mesma, para o contexto sociocultural que a envolve e para seu valor estético. As mudanças no modo de ver o mundo [...] se expressam na produção literária, na sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor de modo a dinamizar sua capacidade de observação e reflexão ante o mundo que o rodeia (SOUZA, 2006, p. 209).

A existência de uma produção variada de LJ como sugere a autora, possibilita melhores escolhas em relação ao que os jovens leitores terão acesso na escola. Essa realidade pode facilitar a formação do leitor crítico e emancipado que desejamos e que concebemos como uma das formas de promover o exercício da cidadania entre os indivíduos.

A importância daquilo que é oferecido na escola para a formação do gosto literário e do apreço pela leitura de ficção se dá não apenas por estarmos nos referindo a sujeitos e leitores em formação, mas também por ser essa, talvez, a única oportunidade que a maioria das crianças e jovens terá de garantir um direito do qual não devem abrir mão: o "direito à literatura" – conforme referido por Antonio Candido (1995).

Entendemos que, mesmo que a produção e a venda de LJ tenha crescido muito nos últimos anos, a parcela de jovens em condições de comprar livros ainda é bastante pequena no Brasil, cabendo, principalmente, às bibliotecas escolares a função de suprir a demanda de livros desses jovens leitores. Marisa Lajolo (1986) consegue dimensionar de forma bem clara a forte ligação entre a LJ e a escola ao dizer que "[...] a escola é um elo fundamental da cadeia que se estabelece entre autor-obra-público [...]" (LAJOLO, 1986, p.45).

Talvez isso contribua para que nos pareça tão natural e lógico o fato de a LJ ser tutelada pela escola e, consequentemente, pelo Estado através de suas políticas públicas de incentivo à leitura, a ponto de nem sempre darmos a atenção devida a todos os mecanismos

que envolvem essa relação e suas implicações sociais. Porém, se refletirmos sobre o alcance e a amplitude dessas ações governamentais, tanto em termos financeiros quanto de difusão de ideologias, a naturalização desse processo pode assumir certo caráter idealista e ingênuo, conforme alerta Lajolo (1986, p.45). Para a autora, a escola e a LJ formam uma equação em que,

> [...] a primeira, por ser uma instituição do Estado, enleia a segunda em práticas políticas e ideológicas favorecedoras das classes dominantes que tanto *se servem do livro* para a difusão de valores que lhe são caros, como *servem ao livro*, na medida em que patrocinam sua adoção e incentivam seu consumo através de campanhas pela leitura (LAJOLO, 1986, p.45, grifos da autora).

Ora, por mais que as considerações da autora tenham sido feitas há quase trinta anos, sabemos o quanto elas continuam atuais, afinal, o Governo Federal tem desenvolvido vários programas de incentivo à leitura e vem realizando investimentos expressivos nessa área, como podemos exemplificar através de notícia publicada recentemente no portal da *newsletter Publishnews*:

> Na tarde da última terça-feira (18/03), a sede da Funarte, em São Paulo, foi palco para a assinatura de quatro editais para incentivo à leitura que vão permitir o investimento de até R$ 6,5 milhões em projetos sociais de leitura; de inovações em bibliotecas públicas; de fomento à literatura e no circuito nacional de feiras de livros e eventos literários[6] (NETO, 2014).

Assim como esse, o Governo Federal tem feito outros investimentos no setor através do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), que é composto por ações, projetos, programas e políticas governamentais, articulados pelo Ministério da Cultura (MinC) e pelo Ministério da Educação (MEC). Conforme informações retiradas dos *sites* dos respectivos Ministérios, as principais ações do MinC na área de livro e leitura compreendem: implantação e modernização de bibliotecas e pontos de leitura; fornecimento de bolsas para escritores e a realização dos prêmios literários, através da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e da Diretoria de Livro, Leitura e Literatura (DLLL). O MEC, por sua vez, é responsável pela distribuição de livros e materiais para escolas, estudantes e professores, através de programas

[6]MinC lança editais de incentivo à leitura. *PublishNews- 19/03/2014 - Leonardo Neto. Disponível em:* <http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=76346> Acesso em: 03 abr. 2014.

como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a Coleção Explorando o Ensino e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).[7]

De modo geral, essas políticas têm na aquisição e distribuição de livros suas ações mais expressivas. Para termos uma ideia, os dados estatísticos divulgados em análise descritiva e crítica do PNBE, disponibilizada no portal do MEC[8], revelam que, somente no desenvolvimento desse Programa, de 1998 a 2007 foram investidos R$ 385.576.922,48 na aquisição dos acervos enviados para as escolas. Assim, considerando os montantes envolvidos nessas políticas de incentivo à leitura, entendemos que não há como ignorar o caráter mercadológico que eles assumem e os possíveis reflexos disso na sua execução.

Aparecida Paiva que, através do Ceale[9], coordena o grupo de professores/pesquisadores que faz a avaliação pedagógica das obras inscritas no PNBE, pontuou algumas repercussões dessa situação durante *X Jogo do Livro*[10]. Conforme informações divulgadas no *site* do órgão, na ocasião,

> [...] Aparecida Paiva denunciou o caráter mercadológico dos programas de distribuição de livros que são vistos como grandes oportunidades de vendas pelas editoras [...] elas investem muito mais em obras para os anos iniciais do Ensino Fundamental do que do Ensino Infantil porque os critérios de seleção são menos rígidos. A grande maioria dos livros inscritos é de prosa, o que prejudica a heterogeneidade de gêneros na etapa de seleção[11] (CEALE, 2013).

Através dessas observações, que abordam apenas alguns dos aspectos envolvidos no processo, podemos inferir sobre quantos outros precisariam ser pensados e discutidos através de estudos específicos. Por esse motivo, entendemos que nosso ensaio se resume a algumas tendências que assinalam alguns caminhos para compreender o universo dessa literatura juvenil brasileira do século XXI.

---

[7]Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/site/categoria/politicas/livro-e-leitura/> e <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18839&Itemid=811>. Acesso em: 16 de nov. 2013.

[8] Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pnbe.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2014.

[9]"O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG, criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos interinstitucionais voltados para a área da alfabetização e do ensino de Português." Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/o-que-e-o-ceale.html>. Acesso em: 3 de abr. 2014.

[10]"O Jogo do Livro é um evento bienal promovido pelo Ceale, com o objetivo de discutir os significados do letramento na sociedade brasileira. Além disso, traz à tona a discussão dos meios de apropriação e do uso da leitura dentro e fora de contextos escolares." Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/jogo-do-livro.htmll>. Acesso em: 3 de abr. 2014.

[11]Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/livros-para-todos.htmll>. Acesso em: 3 de abr. 2014.

ABSTRACT
This study presents reflections on the Brazilian youth literature, especially literary narratives, and focuses on a discussion of trends that individualize this production published in the twenty-first century. The research, bibliographic nature, shows that these works are heterogeneous and bring some innovations, such as the theme.

Keywords: Juvenile Narrative. Literature. Literary tendencies.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Aurea Penteado (Orgs.). *Narrativas juvenis*: geração 2000. São Paulo: Cultura Acadêmica, Assis, SP: ANEP, 2012. Disponível em: <http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalhe.asp?ctl_id=353>. Acesso em: 28 nov. 2013.

ANTUNES, Benedito. A literatura juvenil na escola. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n.22, p.11-29, 2013.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed.Rio de Janeiro: LTC, 2006.196 p.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional* (ABRAPEE), São Paulo, v. 11, n. 1, p. 63–76, jan.- jun. de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1 a07.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos.* 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-262.

CECCANTINI, João Luís. Conflito de gerações, conflito de culturas: um estudo de personagens em narrativas juvenis brasileiras e galegas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 80-85, jul./set. 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/face/ojs/index.php/fale/article/view/8125>. Acesso em: 14 dez. 2013.

LAJOLO, Marisa. Circulação e consumo do livro infantil brasileiro: um percurso marcado. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura infanto-juvenil*: um gênero polêmico. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 43-54.

LEAHY-DIOS, Cyana. A educação literária de jovens leitores: motivos e desmotivos. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania Mariza K. (Orgs.). *Questões de literatura para jovens*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 33-56.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 36. Brasília, jul.-dez.

2010b, p. 111-130. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/3607.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2013.

MARTHA, Alice Aurea Penteado. Narrativas de Língua Portuguesa: temas de fronteira para crianças e jovens.SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA – A LÍNGUA PORTUGUESA: ULTRAPASSAR FRONTEIRAS, JUNTAR CULTURAS, 2, 2009, Évora.*Anais do II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa* – a Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Évora: Universidade de Évora, 2009. Disponível em: <http://www. simelp2009.uevora.pt/pdf/slt59/02.pdf>. Acesso em: 3 out. 2012.

_____. No olho do furacão: situações-limite na narrativa juvenil. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Aurea Penteado (Orgs.). *Heróis contra a Parede:* Estudos de Literatura Infantil e Juvenil. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010. p.121-142.

NETO, Leonardo. MinC lança editais de incentivo à leitura. *PublishNews.* 19 mar. 2014. Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/ detalhes.aspx?id=76346>. Acesso em: 3 abr. 2014.

SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. *A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!*. São Paulo: DCL, 2006.

TURCHI, Maria Zaira. Espaços da crítica da literatura infantil e juvenil. In: _____; SILVA, Vera MariaTietzmann (Orgs.). *Leitor formado, leitor em formação*: leitura literária em questão. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=JGUDeM3n6gYC&lpg=PP1&dq=Maria%20Zaira%20Turchi&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____; SOUZA, Flávia de Castro. A face obscura da violência na literatura juvenil. In: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Aurea Penteado (Orgs.). *Heróis contra a parede*: estudos de literatura infantil e juvenil. São Paulo: Cultura Acadêmica Assis, SP: ANEP, 2010, p. 99-119.